

Hospitais brigam para não atender paciente grave

Fotos: Paulo Negreiros

ROVÊNIA AMORIM

Com uma bala alojada na medula óssea e sem os movimentos da cintura para baixo, o açougueiro Raimundo Nonato Rodrigues, de 23 anos, teve de esperar três horas e quarenta minutos para receber atendimento médico. Jogado do Hospital de Base para o Sarah Kubitschek e vice-versa, o paciente começou a passar mal na entrada do Sarah e teve de ser atendido às pressas pelo hospital. Ele veio transferido do Hospital Djalma Marques, de São Luís (MA), e chegou a Brasília às 7h30 de ontem.

Irritado com a confusão, o capitão Julcyneck, do Corpo de Bombeiros, pedia providências para o caso. "Só espero que o último transporte desse paciente não seja para o IML", disse ao assessor da diretoria do Sarah, José Queiroz de Souza. Queiroz teimava em afirmar que o paciente estava em quadro de emergência e que deveria retornar para o Hospital de Base. "Não

adianta ficar aqui. Não temos emergência".

Acionada pelo supervisor do aeroporto de Brasília, a viatura do Corpo de Bombeiros pegou o paciente no aeroporto com a orientação da família para que fosse levado para o Sarah Kubitschek. "Nem deixaram a viatura entrar e foram dizendo que o caso dele era com o Hospital de Base", contou o soldado João Alves de Sousa, do Corpo de Bombeiros. Segundo ele, nesse vaivém a viatura deixou de atender seis ou sete casos de emergência.

Enquanto Raimundo, deitado numa maca dentro da ambulância do Corpo de Bombeiros, queixava-se de dores e pedia remédio para aliviá-las, o Sarah tentava negociar a remoção para o Hospital de Base. "Ficamos até as 10h00 lá e o doutor Wanderley (chefe do serviço de emergência) disse que não podia atender e que, se a gente não tirasse o paciente do HBB, iria chamar o nosso comandante", disse João Alves.



Raimundo Nonato esperou mais de três horas para ser atendido



A ambulância dos bombeiros foi impedida de entrar no Sarah



O médico Wanderley, do Hospital de Base, se recusou a atender